

1

Introdução

A arquitetura moderna se propôs a modificar a estrutura da sociedade através da recuperação da capacidade criativa - perdida com uma industrialização voltada para a quantidade e não para a qualidade - e tornar-se a imagem da coletividade, seus desejos, necessidades, usos e funções. A arquitetura moderna abandonou a expressão dos “eternos valores” para dar forma sensível ao novo modo de vida e à prática e existência humana cotidiana.¹ Apesar de fazer parte de um amplo programa de reforma, a arquitetura é uma disciplina técnica e formal precisa, que visa dar conta de toda a modificação do comportamento social, projetando desde os utensílios da casa até a construção, passando pelo local de trabalho, chegando às ruas das cidades, ao urbanismo, enfim.

Giulio Carlo Argan² aponta diversas orientações da produção arquitetônica moderna ligadas às várias situações objetivas, sociais e culturais. Uma das definições de Argan para o racionalismo na arquitetura é o tema dessa dissertação: o racionalismo metodológico-didático alemão e seu maior expoente, Walter Gropius. Evidentemente, para se compreender em que condições operava Gropius, foram estudados outros arquitetos, atuantes no mesmo período temporal e suas obras teóricas ou construtivas.

No segundo capítulo são apresentadas as condições históricas em que a República de Weimar se formou e de que forma a arte e a cultura permeavam a sociedade germânica. Esse capítulo retorna ao século XIX para investigar o processo de industrialização alemão, a guerra de unificação do país em 1870 e a conformação da nação, suas divisões hierárquicas e seus costumes. Já no início do século XX, em toda Europa, apresentou uma imensa revolução cultural, com vanguardas artísticas manifestando-se nas mais diversas direções. Na Alemanha não foi diferente, pelo contrário, talvez tenha acontecido aí o maior de todos os movimentos de renovação cultural, cuja ressonância pode ser sentida em outras vanguardas.

¹ ARGAN, Giulio Carlo. “*Projeto e Destino*” São Paulo: Editora Ática, 2000. Pág 163.

² Id., “*Arte Moderna*” São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1992. Pág. 264.

Esses anos iniciais foram definitivos para a arquitetura moderna, não apenas pela incorporação de novas idéias, mas pelas atitudes práticas tomadas em relação aos problemas contemporâneos. Hermann Muthesius fundou, em 1907, a Deutscher Werkbund com o objetivo de unir industriais, artistas, artesãos e comerciantes em uma organização eficaz, que contribuísse para o desenvolvimento da economia nacional ao produzir produtos de melhor qualidade técnica, funcional e estética. No mesmo ano, Peter Behrens foi contratado pela AEG, uma fábrica de turbinas, como consultor de design para tudo que a empresa construísse ou fabricasse, evidenciando uma alteração do papel do arquiteto na sociedade.

Nos terceiro e quarto capítulos, o tema central é a produção arquitetônica alemã, seus principais expoentes, os manifestos, as associações e as vanguardas que promoveram essa produção e as interseções entre o movimento alemão e as teorias produzidas por outros mestres europeus, como John Ruskin, William Morris, Adolf Loos, Theo van Doesburg, entre outros. A Primeira Guerra Mundial é o marco divisor dos dois capítulos, não apenas por uma questão cronológica, o que também seria plausível, uma vez que houve uma interrupção de quatro anos na produção arquitetônica, mas pelas transformações sociais, econômicas e culturais que a guerra acentuou no país que foi palco do conflito e que saiu dele arrasado em todos os aspectos, menos na utopia de ser capaz de reconstruir um mundo melhor. Portanto, o capítulo três trata dos quatorze primeiros anos antes da guerra, enquanto o capítulo quatro abrange o período entre 1918 a 1933.

Finalmente, o capítulo cinco é sobre a Bauhaus. Após a Primeira Guerra Mundial, Gropius, que começara sua carreira no período anterior, fundou a Bauhaus, uma escola cujo objetivo era a formação de uma nova geração de arquitetos capazes de lidar com a industrialização sem perder a diversidade da expressão individual e a independência de pensamento e ação e cuja história espelha as transformações culturais que aconteceram na Alemanha, nesse período. Segundo Argan³, a obra do arquiteto Walter Gropius é inseparável das condições históricas da República de Weimar e da frágil democracia alemã. Essas idéias e realizações serão apresentadas ao longo do texto a seguir.

³ Id., *“Walter Gropius e a Bauhaus”* Lisboa: Editorial Presença, Coleção Dimensões, 2ª edição, 1990. Pág. 7.